

## RECONSTRUINDO O PASSADO: MEMÓRIAS E IDENTIDADES DE IDOSOS LONGEVOS

Maykon dos Santos Marinho<sup>1</sup>  
Luciana Araújo dos Reis<sup>2</sup>

### resumo

Este estudo tem como objetivo analisar as memórias e compreender as identidades dos idosos longevos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa exploratória-descritiva, com a utilização da técnica da história oral temática. A análise dos dados foi realizada a partir da Análise do Conteúdo e a utilização do software NVivo (versão 10) para a organização e a criação da nuvem de palavras. A partir das memórias dos idosos longevos, percebeu-se como as identidades de cada idoso longevo foram sendo construídas e se metamorfoseando no processo do envelhecimento, sendo a memória familiar imprescindível para a reconstituição do passado e construção de suas identidades.

---

1 Graduado em Enfermagem. Mestre em Memória: Linguagem e sociedade. Doutorando em Memória: Linguagem e Sociedade (UESB). Bolsista da CAPES. Membro do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisa sobre Envelhecimento Humano (UESB). E-mail: mayckon\_ufba@hotmail.com

2 Graduada em Fisioterapia. Doutora em Ciências da Saúde (UFRN). Professora do Curso de Fisioterapia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Departamento de Saúde 1; Grupo de Pesquisa: Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre o Envelhecimento e Obesidade (UESB, CNPq). E-mail: lucianauesb@yahoo.com.br

## 1 Introdução

O aumento da expectativa de vida e o conseqüente aumento do número de idosos representa uma conquista da sociedade contemporânea, fenômeno que tem sido acompanhando com interesse pelas ciências sociais e humanas. Nos últimos anos, a velhice ganhou visibilidade e interesse em diversas áreas, sendo compreendida em sua totalidade e em caráter multidimensional, não somente como um fenômeno biológico, mas também em seus aspectos psicológicos, sociais e culturais (ARGIMON et al., 2011).

Desse modo, a obtenção de mais dados sobre o envelhecimento e os respectivos significados na perspectiva do sujeito que envelhece é fundamental para uma melhor compreensão desse processo, assim como para a adoção de medidas adequadas para um envelhecimento bem-sucedido. Além disso, pode evitar possíveis equívocos de profissionais de saúde em decorrência da falta de informações sobre a necessidade de compreender a subjetividade que circunda o processo de envelhecimento, haja vista que os profissionais de saúde precisam olhar para o idoso além das questões biológicas, reconhecer essa população como parte fundamental no desenvolvimento da sociedade, valorizando as potencialidades, as crenças, as experiências, vivências e histórias de vida.

O interesse para este tema de estudo foi despertado durante a formação de um grupo de dança com idosos usuários da Unidade de Saúde da Família (USF) em que se percebeu que a maioria dos idosos longevos<sup>3</sup> era independente, alegre e gostava de contar as suas histórias de vida. Foi dessa maneira que surgiu a ideia de buscar compreender as identidades desses idosos longevos a partir da técnica da história oral temática e, por extensão, pela memória.

Para Matos (2004), o rememorar na velhice sugere uma opção e reconstrução desenvolvida pelo indivíduo no presente, delimitado pelas matrizes sociais em que esteve implicado durante a vida. A memória de cada pessoa é portadora de um conjunto de referências sociais em que sua identidade é concebida no momento presente de acordo com os fundamentos adquiridos

---

3 Idade igual ou superior a 80 anos.

e aprendidos no passado. Dessa maneira, as recordações são elementos constitutivos do processo em que a identidade atual é renovada pela recordação (MATOS, 2004).

De acordo com Bobbio (1997, p. 30), “somos aquilo que lembramos”. Para Izquierdo (2004), nada somos além do que recordamos, mas também do que esquecemos, sejam as lembranças silenciadas (voluntária ou involuntariamente), sejam os não ditos. Para Brandão e Mercadante (2009), a identidade está vinculada às recordações que cada um tem de si, tais como: o seu nome, os dos seus ancestrais, o lugar de nascimento e os espaços territoriais e sociais que o sujeito ocupou ao longo da vida.

Sendo assim, segundo Ciampa (2011), a formação da identidade é um processo determinado e dinâmico que ocorre com o indivíduo durante toda a sua vida e o determina com expressão e interação com o mundo. Ainda, de acordo com Ciampa (2006), a identidade é um processo de constante metamorfose, pois o ser humano como um ser ativo está em constante processo de transformação, em um processo não linear em que os fenômenos são considerados e analisados em seus movimentos recíprocos e contínuos de interação.

Assim, a identidade de um indivíduo é construída na relação com os diversos grupos de pertencimento, ou seja, a identidade encontra-se apoiada nos grupos ao qual o indivíduo pertence e nas relações que vai produzindo e efetivando ao longo do tempo (CAMPEDELLI, 2009). Desse modo, não é possível pensar o conceito de identidade sem pensar na sua relação com a memória.

Segundo Candau (2012), a memória é um dos pilares que se funda a identidade, visto que todo ato memorial dispõe de intenções identitárias, ao passo que conferir um sentido atual ao passado, pautado pelas preocupações do presente, é necessariamente um trabalho de revisão crítica do passado e de si mesmo, ou seja, “não existe um verdadeiro ato de memória que não esteja ancorado nos desafios identitários presentes” (CANDAU, 2012, p. 150). Para Pollak (1992), há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade, e esse sentimento de identidade diz respeito à imagem de si que o indivíduo constrói ou adquire ao longo da vida referente a ele próprio, a imagem que mostra para os outros e que precisa acreditar como sendo sua para convencer o outro.

Ao rememorar, o indivíduo seleciona aquilo que deve ou não ser lembrado, escolhe algumas recordações e exclui outras (SOUZA, 2014). É partindo desse pressuposto que se pode afirmar que a memória é constituída sempre de um sentimento de identidade. Seja no coletivo, seja no individual, o indivíduo lembra apenas das coisas com que se identifica, sejam boas ou ruins

(POLLAK, 1989). Pollak (1989) utiliza o conceito de *enquadramento da memória* para explicar essa seletividade, em que o indivíduo seleciona ou enquadra algumas imagens, focalizando umas e ignorando outras.

Esse caráter seletivo implica numa relação dialética entre memória e esquecimento, haja vista que a evocação atua selecionando o que será lembrado num processo de negociação (POLLAK, 1992). Logo, não há identidade sem memória, tampouco, memória sem identidade. As duas estão diretamente ligadas e entrelaçadas. “Memória e identidade se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra, para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa” (GANDAU, 2012, p. 16).

De acordo com Candau (2012), a memória mobilizada para reafirmar uma identidade pressupõe uma memória familiar, haja vista que envolve uma organização e uma releitura do passado compartilhado pela família. Desse modo, é neste ambiente que estão as bases identitárias do indivíduo, onde as primeiras delimitações identitárias são construídas. É, também, onde nasce a consciência da individualidade, ou seja, as identidades pessoais encontram no grupo familiar suas referências, mas cada membro do grupo traça uma posição identitária diferente, individualizando-se.

Segundo Barros (1989), a importância do grupo familiar como elemento referencial para a construção do passado vincula-se ao fato de ser a família ao mesmo tempo objeto de recordação e o espaço no qual essas recordações são vividas. Os idosos reconstróem suas vidas, recordando a trajetória familiar, e estabelecendo, na memória, o espaço familiar, a representação da família, e suas relações internas (BARROS, 1989).

Assim, os idosos, ao reconstruírem suas histórias de vida, reconstróem a história do modelo familiar através de caminhos já marcados por lembranças suas e de seu grupo familiar (BARROS, 1989). Por conseguinte, a memória familiar se mostra como um dos fatores de união entre memória e identidade por mobilizar as recordações compartilhadas, nas quais se apoiam as origens comuns, os saberes coletivos e outros referenciais. Dessa maneira, este estudo tem como objetivo analisar as memórias e compreender as identidades dos idosos longevos.

## 2 Métodos

Trata-se de uma pesquisa qualitativa exploratória-descritiva, com a utilização da técnica da história oral temática. A técnica da história oral consiste na narrativa do conjunto da experiência de vida de uma pessoa. É um recurso

moderno usado para a elaboração dos registros, documentos, arquivamentos e estudos referentes à experiência social de pessoas e grupos (MEIHY, 2005).

Os participantes da pesquisa foram recrutados em uma Unidade de Saúde da Família (USF) do município de Vitória da Conquista, Bahia. Essa unidade possui 3.392 famílias cadastradas e oferece atendimento para 13.146 usuários, dos quais 1.320 são idosos. O recorte da pesquisa levou em consideração dez idosos longevos que atendiam aos seguintes critérios de inclusão: idade igual ou superior a 80 anos, ser independente funcionalmente e ser usuário da USF escolhida. Foram utilizados dois instrumentos para a coleta de dados: um formulário semiestruturado, com questões de caracterização sociodemográfica dos idosos longevos e uma entrevista semiestruturada com as sete questões voltadas para os significados atribuídos ao processo de envelhecimento, antes e após envelhecer.

Transcorrida a transcrição integral das entrevistas, as informações foram analisadas por meio da técnica de análise de conteúdo de Bardin (2011). Porém, devido à grande quantidade de informações obtidas nas entrevistas, tornou-se necessário o uso de uma ferramenta computacional de suporte para análise dos dados para auxiliar no manuseio e organização dos dados, facilitando, assim, o processo de integração entre as categorias emergentes. Para tanto, utilizou-se o software de tratamento de dados qualitativos *QSR NVivo*<sup>®</sup>, versão 10.0, doravante escrito como *NVivo*.

O processo de análise de conteúdo foi operacionalizado em três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados obtidos, inferência e interpretação (BARDIN, 2011). Na etapa de *pré-análise*, as transcrições foram introduzidas no *NVivo* com o recurso de importação de fontes de informação, compondo, assim, o *corpus* da pesquisa. Após a criação do banco de dados no *NVivo*, deu-se início à etapa seguinte, a de *exploração do material*. Nesta etapa, realizou-se a leitura exaustiva das transcrições e o processo de codificação com a decomposição dos conteúdos em unidades de registro com base nas expressões com sentidos equivalentes que surgiram ao longo do *corpus* da pesquisa, as quais foram agrupadas nas categorias analíticas emergentes dos dados empíricos.

Nessa etapa, utilizou-se a técnica “nuvens de palavras” do *NVivo* para análise do material empírico. Essa técnica pode ser compreendida como uma forma de visualização de dados linguísticos, que mostra a frequência com que as palavras aparecem em um dado contexto. As palavras aparecem com tamanhos e fontes de letras diferenciadas de acordo com as ocorrências daquelas no texto analisado. O conjunto dessas palavras gera uma imagem e aquela

que tem maior frequência aparece no centro da imagem, e as demais, em seu entorno, de modo decrescente. É importante ressaltar que as palavras como locuções adverbiais, preposições, artigos, assim como outros vocábulos sem relevância para a pesquisa, foram excluídas para a obtenção de um resultado sucinto (QSR INTERNATIONAL, 2014).

De posse da nuvem de palavras e dos dados codificados, foi iniciada a terceira e última etapa, a do *tratamento dos resultados*. Buscou-se a articulação entre o material empírico e o referencial teórico, possibilitando a ocorrência de outras contribuições teóricas sugeridas pela leitura do material empírico.

Os princípios éticos foram observados, de acordo com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) nº 466/12, sendo o projeto submetido à aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Independente do Nordeste (FAINOR), com parecer de aprovação (Protocolo nº 759479). Os participantes deste estudo assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) e com vistas a garantir o anonimato dos participantes e facilitar a compreensão do leitor, foram atribuídos aleatoriamente nomes de flores aos idosos longevos, a saber: Cravo, Margarida, Camélia, Angélica, Rosa, Lírio, Hortência, Violeta, Girassol, Jasmim.

### 3 Resultados

Para melhor visualização dos dados, foi elaborado uma tabela (Tabela 1) com o perfil sociodemográfico dos idosos longevos entrevistados. Em seguida, são apresentados os resultados das entrevistas e a análise delas à luz do referencial teórico construído.

Tabela 1 – Perfil sociodemográfico dos idosos longevos

Nome	Idade	Sexo	Estado civil	Filhos	Vive com	Renda	Escolaridade
Cravo	80	M	Casado	8	Cônjuge	Aposentado	Analfabeto
Margarida	82	F	União Estável	3	Companheiro	Aposentada	E.F.I.
Camélia	83	F	Viúva	4	Filho	Aposentada	Alfabetizada
Angélica	83	F	Viúva	14	Filhos e netos	Aposentada	E. F. I.
Rosa	81	F	Casada	2	Cônjuge	Aposentada	E. F. I.

Lírio	85	M	Casado	2	Cônjuge	Aposentado	E. F. C.
Hortência	85	F	Viúva	6	Sozinha	Aposentada	Analfabeta
Violeta	82	F	Casada	5	Cônjuge	Aposentada	E. F. I.
Girassol	81	F	Casada	8	Cônjuge	Aposentada	Alfabetizada
Jasmim	80	F	Viúva	4	Sozinha	Aposentada	E. F. C.

Nota: EFC – Ensino Fundamental Completo; EFI – Ensino Fundamental Incompleto.

Ao analisar os resultados obtidos na Tabela 1, ficou evidente a maior participação de mulheres. Posto que dos dez participantes da pesquisa, oito pertenciam ao gênero feminino, os dados têm evidenciado a predominância do gênero feminino em alcançarem mais facilmente a longevidade do que o masculino. Essa vantagem em relação à categoria feminina é coerente com o registro na literatura e decorre de diversos fatores, entre os quais a tendência do gênero feminino se cuidar mais e melhor, buscar assistência médica ou apoio social (SANTOS; MOREIRA; CERVENY, 2014).

Em relação ao estado civil dos idosos longevos, os dois homens entrevistados são casados, e das oito mulheres entrevistadas, três são casadas, uma vive em união estável e quatro são viúvas. Um dado interessante é que o gênero feminino, por ser mais longo, tende a viver a viuvez mais frequente que o masculino (IBGE, 2010).

Em relação ao número de filhos, os idosos longevos em análise tiveram uma média de cinco filhos. Esses dados apontam para uma transição entre famílias extensas com grande número de filhos para famílias menores com um ou dois filhos por mulher na atualidade (IBGE, 2010). Ao avaliar com quem o(a) idoso(a) longo(a) reside, parte significativa da amostra declarou morar com familiares: cinco vivem com seus cônjuges; três moram com parentes (filhos ou netos); e duas referem morar sozinhas e que esta opção se deu pela viuvez ou pelo fato de os filhos morarem em outras cidades. Durante as narrativas, as idosas longevas afirmam preferir viver sozinhas. O fato de ter a sua própria moradia parece lhes dar maior autonomia e mais liberdade. Esta preferência também foi constatada em pesquisas sobre idosos que moram sozinhos (SANTOS et al., 2010). De acordo com Caradec (2016, p. 33), muito idosos valorizam fortemente seu domicílio, pois é o local onde “se sentem protegidas das pressões externas, é uma referência de identidade (o domicílio simboliza a pessoa e sua continuidade), de espaço (espaço familiar, intimamente apropriado, de uso fortemente enraizado nos hábitos corporais) e de tempo (pois está carregado de lembranças)”.

Em relação a profissões que exerceram, entre os entrevistados, um era comerciante, uma, professora; uma, costureira; uma, doméstica; um, policial; e cinco eram donas de casa. Esses exemplos de ocupações laborais constituíam o comportamento padrão no mundo do trabalho nas décadas de 1930, 1940 e 1950, especialmente em referência às brasileiras (BARROS, 2013). É signifiicante registrar que todos os participantes deste estudo se encontram cobertos pela seguridade social.

Quanto ao grau de escolaridade, dos dez entrevistados, quatro eram analfabetos, quatro possuíam instrução escolar equivalente ao antigo Ensino Fundamental I, um tinha o equivalente ao Ensino Fundamental II e um o equivalente ao Ensino Médio. O baixo índice de educação formal dos idosos longevos entrevistados deve-se ao fato de que a maioria nasceu e viveu a infância em áreas rurais. Eles viveram em uma época que havia muita dificuldade de acesso às escolas, carência de escolas públicas, baixo poder aquisitivo e desvalorização da educação formal, situações essas que, devido ao arraigado sistema patriarcal subjacente à sociedade brasileira até, pelo menos, a metade do século XX (FAORO, 1958), dificultaram sobremaneira a conquista da educação formal, principalmente para o gênero feminino (VASCONCELOS; SOUZA FILHO, 2001).

Os idosos longevos aqui pesquisados acreditam ter boa saúde, pois têm autonomia e são independentes funcionalmente. Entende-se como idoso independente funcionalmente aquele indivíduo que é capaz de realizar atividades da vida diária sem dificuldades. O grau de autonomia e independência apresenta-se, portanto, como aspecto importante na qualidade de vida das pessoas. Para Conceição (2010), autonomia e independência são conceitos interdependentes e referem-se à forma como cada pessoa consegue conduzir sua própria vida. É considerada como autonomia a capacidade de tomar decisões e de executá-las, já independência relaciona-se com a conformação física, mental e social para realizar atividades cotidianas (MOURA; SOUZA, 2012).

Na perspectiva de construção e afirmação de uma identidade social positiva do(a) idoso(a), Minayo e Coimbra Junior (2002) afirmam que, do ponto de vista econômico, os idosos, especialmente os mais ativos e independentes, representam um mercado promissor no mundo dos bens de consumo, da cultura, do lazer, da estética e dos serviços de saúde. Nessa direção, garantir uma existência mais saudável ao idoso é admitir novas formas de pertencimento social que envolvam novas possibilidades de comunicação, de participação grupal ou, ainda, de realizações de diferentes ou novas formas de lazer (MOURA; SOUZA, 2012).



Para uma melhor análise das narrativas, para cada uma das palavras mais frequentes foram estabelecidos quatro temas de análises, a saber: *fazenda (roça): local de formação social; o casamento: construção social e familiar; descendência: filhos e netos; e família: as relações familiares.*

#### 4.1 Fazenda (roça<sup>4</sup>): local de formação social

As narrativas de duas idosas vieram contextualizadas nos espaços onde viveram com suas famílias originárias até se casarem. Embora a maioria das mulheres idosas deste estudo terem sido oriundas da zona rural, apenas duas relataram a vida no campo e o trabalho para ajudar os pais, quer na fazenda (roça), nos afazeres domésticos ou no cuidado com os irmãos menores. Naquela época, todos os membros da família precisavam trabalhar desde cedo, não sendo possível que os pais enviassem os filhos para a escola.

Nesse sentido, Halbwachs (2006) comenta que as primeiras recordações da infância se localizam e se fortalecem nas relações familiares. Hoje, fazendo o exercício de releitura, essas duas idosas, Hortência e Girassol, recordam do trabalho na fazenda (roça) como elemento central na constituição de suas identidades. Seguem alguns fragmentos das narrativas dessas idosas em que as fases mais significativas de suas vidas são demarcadas em poucas palavras: a infância na fazenda, o casamento, o nascimento dos filhos e ida para a cidade:

Eu morava na fazenda, me lembro demais da conta, era muito bom, vixe, tive uma infância muito boa, sou apaixonada por roça, trabalhei muito, e no tempo que meu pai me criou eu plantei muita coisa, muita coisa, muito mesmo, feijão, arroz, milho, eu sei fazer isso tudo, eu sei plantar, sei colher, sei cozinhar, eu não fui pra escola porque naquela época os pais da gente não dava importância pros estudos, né?! Eu sei assinar o nome, mas pouco, meu irmão que me ensinou, aí eu me casei muito nova, e continuei morando na fazenda durante muito tempo, tive dois filhos lá, depois fomos morar em Divinópolis Eu me mudei em dezoito de fevereiro de sessenta e quatro, então isso aí me marcou demais, vixe, nunca esqueço. (GIRASSOL, 81 anos).

Eu morava na fazenda, fui criada na fazenda, ajudei muito meus pais na fazenda, cuidava dos meus irmãos mais novos. Meu pai era um homem muito bom,

---

4 Segundo Macêdo (2011), é comum um conjunto de roça ser denominado por um único nome de *fazenda*. Fazendas e roças, embora façam parte de um mesmo espaço geográfico, vivenciam experiências distintas, a partir de diferentes origens demarcadoras de modos específicos de lidar com o real. Entretanto, se, no tocante a origem, valores, atitudes, formas de estar no mundo, enfim, de lidar com o real, a roça e a fazenda guardam distâncias que as diferenciam, pois ambas se encontram entrelaçadas em certos aspectos (MACÊDO, 2011).

trabalhador, ele sempre botava a gente para trabalhar, porque ele era pobre, por isso não tive estudo. Casei com dezenove anos e depois que eu tive meus filhos que eu vim pra Conquista e coloquei eles na escola. (HORTÊNCIA, 85 anos).

Observa-se que os aspectos da formação social em que foram criadas, mediante da menção à infância, são revelados nas narrativas dessas idosas. Nota-se que esse período de suas vidas foi marcado pelas atividades rurais, ou seja, uma infância atrelada ao trabalho e a vida escolar posta em segundo plano. Isso ocorreu porque elas deviam, primeiramente, ajudar a família na atividade rural, nos afazeres domésticos e no cuidado dos irmãos menores.

Dessa maneira, percebeu-se alguns valores sociais que atravessaram a construção identitária de Girassol e Hortência e que permitem não só entender algumas relações sociais do passado, mas também ajudam a compreender como os elementos do passado são ressignificados no presente. Entre as relações sociais, observou-se a desvalorização e a dificuldade de acesso das mulheres à escola e uma educação familiar, intrinsecamente, voltada para a formação de boas esposas, mães e donas de casa. Assim, as narrativas dessas idosas demonstram que a tradição era educar as meninas para ajudar nos serviços domésticos, prepará-las para o casamento, com poucas preocupações em ensinar a leitura, sendo que uma das principais preocupações quanto à educação das mulheres, tanto de famílias mais abastadas como de classes populares, era ensinar-lhes a cozinhar, a bordar e a realizar outros afazeres domésticos (CUNHA; ALVES, 2014).

As narrativas de Hortência e Girassol também corroboram com um estudo realizado por Streck e Frison (1999), ao demonstrarem que as lembranças sobre o trabalho doméstico se referem à figura da criança (menina), pois o trabalho doméstico é visto pelas mulheres idosas como tipicamente feminino, sendo, por vezes, considerado como ajuda. Os homens idosos, quando relatam suas infâncias, raramente fazem referência ao trabalho doméstico, e isso ocorre, principalmente, porque as atividades de manutenção da casa eram rotina na vida das mulheres, não ocorrendo com os homens, já que o trabalho fora do lar está associado à figura masculina.

#### 4.2 O casamento: construção social e familiar

A saída da filha do âmbito familiar originário e sua entrega ao casamento foi um fato marcante nos discursos das idosas participantes deste estudo, o que induziu a reflexão sobre o valor atribuído ao casamento pelas idosas longevas entrevistadas. De acordo com Del Priore (2006), em meados

do século XX, o casamento representava o objetivo mais importante na vida das mulheres, pois ser mãe, esposa, dona de casa, era o destino natural das mulheres (CUNHA; ALVES, 2014).

Assim, o temor das moças daquela época era não realizar esse objetivo, pois se não o fizessem, não teriam cumprido o “destino feminino” e sofreriam constrangimentos com esse estigma social (CUNHA; ALVES, 2014). Ainda de acordo com Cunha e Alves (2014), o ideal da maior parte das mulheres era casamento por livre escolha, tendo por objetivo a busca da felicidade e da constituição de uma família moldada dentro dos padrões estabelecidos pela sociedade.

As narrativas das idosas longevas entrevistadas comprovam essa afirmativa, pois ao narrarem sobre o casamento, os depoimentos de Violeta e Jasmim ilustraram histórias de amor, felicidade e realização pelo casamento consumado. Violeta se lembrou da primeira vez em que pegou na mão de seu futuro marido, assim como o dia do seu noivado e da festa de seu casamento, tal como descrito abaixo:

Quando a pessoa fica velho e tem essa idade, tem saudade daquela alegria que tinha, dos pais porque tinha aquele maior amor né?! Agora marcar assim... foi o dia que eu noivei com ele [aponta para o marido, que está doente e deitado no sofá], o dia do noivado que ele veio pedir em casamento ao meu pai, eu lembro da primeira vez que ele pegou em minha mão, eu nunca esqueci. Ele chegou muito alegre, aí meu pai falou assim: “Olha, minha filha tá muito nova, não queria que ela casasse agora.” Aí meu pai falou assim: “Daqui a um ano a gente faz o casamento.” Aí ele [o marido] falou assim: “Tá certo!”. Ele chamava [o sogro] de “Zé”: “Tá certo, Seu Zé!” Aí passou assim, um mês, ele chegou assim e falou: “Ô, Seu Zé, eu quero casar é logo!” Aí foi e nos casamos, eu tinha dezessete anos, casei na Igreja, fizemos uma festa, me lembro como hoje, chamamos os parentes, os amigos, vizinhos, e estamos aí, vivemos até hoje graças a Deus, tivemos 5 filhos. É uma história de amor e isso eu nunca esqueço. Do dia que ele chegou, do noivado, minha mãe gostava muito dele, era aquele maior amor. (VIOLETA, 82 anos).

É possível perceber, nesse processo de reconstrução dos acontecimentos vivenciados por Violeta, o predomínio a memória coletiva, pois, em toda a sua recordação, o apoio dos testemunhos da mãe, do pai e de familiares, amigos e vizinhos é evidenciado. São para essas testemunhas que Violeta se volta para reconstituir sua memória, demonstrando que quanto maior o vínculo com o grupo, mais nítidos são os fatos rememorados (HALBWACHS, 2006). Na reconstrução do passado efetuada por Jasmim, isso também é claramente percebido ao narrar seu casamento:

Eu casei só uma vez na minha vida, essa foto aqui foi no dia do meu casamento. Foi lindo, eu mesma fiz o bolo do casamento porque eu fiz o curso de culinária na época, então como eu era boleira, eu mesma fiz o bolo do meu casamento, eu fazia cada bolo lindo, para aniversário, mas eu gostava mesmo era de fazer bolo de casamento, hoje eu não faço mais. O casamento foi na Igreja Católica, eu sou católica fervorosa, nasci, cresci, e casei na Igreja Católica, e no dia do meu casamento foi tudo muito bonito, a igreja ficou linda, minhas irmãs me ajudaram a arrumar a igreja, depois meus filhos foram batizados nessa Igreja, meus netos. [...] Eu falei que não queria casar com baiano, mas eu acho que anjo falou amém, e graças a Deus, eu casei com um gaúcho, eu fui muito feliz, ele era muito bom comigo, a gente tinha um casamento estável, feliz, a gente nunca separou nenhum dia, ele viajava muito mas voltava pra casa, tivemos quatro filhos maravilhosos, hoje estão tudo casados, suas vidas feitas, três moram em São Paulo e Márcia, que é doutora, mora em Salvador. (JASMIM, 80 anos).

As recordações de Jasmim, a princípio, parecem individuais, mas com um olhar mais atento é possível perceber o seu caráter coletivo. Os costumes e a religiosidade do seu grupo social induziram o casamento e o batizado dos filhos dessa idosa na Igreja Católica, pois, para ela, essas ações, além de serem uma demonstração de fé individual, são uma obrigação social. Dessa maneira, apesar das recordações do casamento serem refeitas individualmente, elas estão impregnadas de memórias coletivas (HALBWACHS, 2006).

Ao se recordarem do casamento, essas duas mulheres idosas destacaram diversos momentos e os papéis sociais que foram adquirindo ao longo da vida. Assim, nota-se nas duas narrativas que a menina moça se transformou na esposa e, posteriormente, na mãe de família. Esse processo de metamorfose permanente está de acordo com Cavalcanti (1993, p. 112), ao descrever que o ritual do casamento “funciona como autorização para a mulher exercer os seus principais papéis capazes de lhe dar identidades sociais, como o de esposa, de mãe e de mulher espiritualizada”.

#### 4.3 Descendência: filhos e netos

A “história vivida” com a família e, principalmente, com os filhos, dá sentido e razão à existência de duas idosas entrevistadas, pois a criação e a dedicação à educação dos filhos foram aspectos sinalizados no ato de recordar. É possível observar, nas narrativas, o cuidado, o amor maternal e a realização enquanto mulher, expressas em relação aos filhos e à necessidade de suportar sofrimentos e uma carga excessiva de trabalho para ajudar no que for preciso.

De acordo com Rocha-Coutinho (1994), as características de dedicação, docilidade, abnegação e outras vinculadas à feminilidade e ao conceito de boa mãe favoreceram a naturalização das funções femininas. Segunda Melca (2013), essa identificação entre feminilidade e maternidade fortaleceu a discriminação das mulheres, negando-lhes a opção por optar por atividades socialmente valorizadas, garantindo por muito tempo as atividades valorizadas e a vida pública somente para os homens. Assim, a mulher, para ser considerada boa esposa e boa mãe, teria que dar suporte ao homem para que este pudesse trabalhar fora de casa e deveria ser responsável pela criação e pela educação dos filhos (MELCA, 2013). Essa afirmativa pode ser comprovada nas narrativas de Camélia e Margarida, a seguir:

Eu tive que trabalhar muito em casas de família para formar minha filha, eu coloquei ela na melhor escola de inglês de São Paulo, porque ela é secretária bilingue. Eu coloquei ela na Cultura Inglesa, uma das melhores escolas de São Paulo. Era supercara, e eu trabalhava para manter ela naquela escola, também num colégio de freiras lá em São Paulo e eu também paguei. Do meio pro fim, quando foi ficando meio pesado, eu pedi para a Madre Superiora para ela dividir, eu levei meu holerite, falei pra ela que pagava aluguel, e ela falou assim: "Você vai pagar só meia bolsa", e ela se formou nesse colégio, com meia bolsa, naquela época tudo era muito difícil, mas eu te digo uma coisa, viu? Valeu a pena o sacrifício, hoje minha filha é secretária de um empresa muito grande, importante de São Paulo. (MARGARIDA, 82 anos).

Eu me considero muito feliz, convivi, ter realizado senão todos, a maioria dos meus sonhos e educar a minha família até onde eu pude, fazer o que pude com a minha família, né?! Eu trabalhei por muito tempo na casa dos outros como doméstica, costurando também, para dar uma boa educação para meus filhos, não tive uma vida fácil, trabalhei pesado, mas como mãe eu sempre ajudei naquilo que estava ao meu alcance, então pra mim foi muito bom porque hoje estão tudo criado, em suas casas, com suas famílias e até hoje no que for preciso eu ajudo meus filhos. (CAMÉLIA, 83 anos).

Observamos que Margarida e Camélia narraram trajetórias de vidas marcadas pela atividade laboral e pela dedicação aos filhos, na qual a maternidade foi importante na construção de suas memórias, demonstrando a construção de uma identidade materna. Assim como Margarida e Camélia falaram dos filhos, Jasmim falou dos netos como uma continuidade da vida, um motivo para viver e fazer planos. De acordo com Melca (2013), a longevidade, o envelhecimento com saúde e a qualidade de vida têm contribuído para que avós tenham uma contribuição mais direta nos cuidados com seus netos. Para Jasmim, estar com os netos lhe rejuvenesce e dá sentido à sua vida, tal como descrito abaixo:

Quando minha filha mudou pra Salvador ela acabou de me enterrar viva, porque ela foi embora com meus netos, eles traziam alegria pra essa casa, eu senti muita falta deles, foi uma coisa muito pesada pra mim. Eu brincava muito com meus netos, um dia eu tive uma dor no quadril, mas fiz fisioterapia e melhorei, porque eu brincando com meu neto ele caiu em cima de mim, e eu não tenho mais idade. Aí o doutor disse: "Dona Ivonete, a senhora não pode, a senhora não tem mais idade, a senhora pode quebrar o ossos!", aí eu disse: "Ó, doutor, no dia que quebrar os ossos eu quero morrer!", ele ficou rindo. Aí no carnaval, ele veio aqui, ficou três dias aqui comigo, me levou no shopping, aí eu falei: "Ó, Lipe, eu não vou no shopping sozinha, primeiro que eu tenho medo de sair de noite, depois que tenho medo de ir no shopping sozinha, mas eu amo demais meus netos. (JASMIM, 80 anos).

Este relato possibilita a compreensão da memória, em sua dimensão afetiva, como produtora intrínseca de efeitos e "de sentido" na identidade da mulher idosa, no presente, constituindo a imagem da mulher como provedora e reforçada pela função de ser avó. Essa imagem provedora da mulher idosa corrobora com Salgado (2002) ao relatar que as avós desempenham uma função importante dentro do sistema familiar amplo, promovendo uma sucessão de apoio tanto aos filhos quanto aos netos, pois essa função de avó serve de meio para a expansão da identidade pessoal e social, haja vista que ser avó para muitas idosas pode representar a continuidade da identidade de mãe que desempenharam na maior parte de suas vidas. De acordo com Melca (2013), atualmente, as avós são mais participantes, mais divertidas, menos preconceituosas, buscam ser joviais e estar bem para a idade, sem que isso interfira no afeto que sentem pela terceira geração, afinal, elas são apaixonadas pelos netos, portanto, as avós mudaram, mas o amor pelos netos não mudou.

#### 4.4 Família: as relações familiares

A vida familiar, como palco da vida cotidiana, aciona, através da recordação, noções de felicidade, alegria e bem viver. Os papéis familiares estão fortemente marcados nas trajetórias desses indivíduos e são em torno de quem se articulam as representações do passado, sempre contrastantes com o presente (FERREIRA, 2013).

Assim, os filhos e os netos figuram entre as grandes alegrias dos idosos pesquisados e todos os entrevistados revelaram ter boa integração com seus familiares e contatos frequentes com os mais próximos. Estar em companhia dos filhos e netos adquire um valor especial na velhice, como descrito nas narrativas abaixo:

A relação com a minha família é muito boa, pena que eu vim morar aqui, meus filhos falam: "Ahh, mãe." Agora nos Dias das Mães mesmo, eles ficaram veio me ver, me levaram pra almoçar no restaurante, minha vida com a minha família é maravilhosa. Eu tenho minha tias que são bem velhinhas que moram na Arce-lino de Freitas e eu visito também, tem meu irmão que mora na Raul Ferraz e eu visito também. Ele quase não sai de casa, aí eu falo: "Ohh, já que Maomé não vai até a montanha, a montanha vem até Maomé". Eles dão risada, ela fala: "Ahhh, tava faltando você aqui, porque você alegre essa casa!" Quando eu chego lá você precisa ver! e então, eu tenho um relacionamento muito bom. (MARGARIDA, 82 anos).

O relacionamento com a família sempre foi bom, sempre tive muito diálogo com a minha família, né?! Sempre [me] dei muito bem com os meus filhos, sempre me relacionei muito bem, né?! São todos presentes, apesar de só ter uma que mora fora, mas mesmo assim ela não deixar de estar presente, de estar sempre ligando, entrando em contato, né?! Então eu acho que todos estão presentes na minha vida, isso é muito bom, eu gosto de ver a casa cheia, quando os netos vêm a gente faz a festa, né?! (CRAVO, 80 anos).

Minha família gosta muito de mim, não tem o que dizer, minha família nunca me deu trabalho, todo mundo tá nas suas casas, só tem duas meninas que mora mais eu, mas eu sempre peço a Deus pra elas terem um cantinho delas, porque virou de herança agora essa casa, mas meus filhos não perturba em nada. Não vou lhe dizer que minha vida é ruim não, minha vida é boa graças a Deus, eu tenho meus filhos, que são bons, me ajudam, toda semana eu vou pra casa de minha menina lá em frente ao hospital de base, ficar mais [com] ela, ver meus netinhos. (ANGÉLICA, 83 anos).

Meus filhos moram tudo longe, eu tenho muita saudade dos meus filhos, [me] preocupo muito com eles, toda mãe [se] preocupa né?! A gente fica distante da família é muito ruim, muito mesmo, muita saudade, mas eu vou pra lá fico uma mês com eles, e em todo Natal eles vêm pra cá passar comigo. (GIRASSOL, 81 anos).

**É perceptível nas narrativas dos idosos a satisfação de estarem próximos dos membros familiares, sendo que a presença dos filhos e netos ajudam a manter e fortalecer os laços afetivos com a família e os encontros familiares são considerados como importantes na vida destes idosos. De acordo com França (2009), isso ocorre porque os idosos relacionam as suas vidas com os acontecimentos familiares, pois permanecem vivas em suas memórias as recordações de festas e comemorações, fazendo assim parte de suas histórias de vida e sendo momentos marcantes de suas vidas.**

Em uma tentativa de demonstração de veracidade às suas memórias, Jasmim mostrou alguns retratos do casamento que estavam fixados na parede da sala, ao lado de retratos mais recentes das filhas e dos netos. Além deles,

mostrou três álbuns familiares antigos e um recente e um álbum com fotos de bolos que ela fazia quando jovem. Nessas fotografias, ela apontava datas de aniversário, Dia das Mães e formatura do neto, tal como descrito abaixo:

Eu tenho a foto aqui que minha filha tirou quando eu fiz 80 anos, essa aqui foi no ano passado nos 80 anos. Essa é minha filha que é enfermeira. Eu falei: "Ô, Márcia, eu quero tirar foto dos 80 anos", aí ela tirou comigo, porque todo mês de junho é aniversário dela, ela vem pra cá, porque no São João ela vem pra cá e fica aqui comigo. Essa daqui foi quando eu fiz 70 anos, setenta! Sete ponto zero,. Essa daqui foi do meu casamento, casamento é sempre uma coisa assim, sei lá, é uma emoção, nem sei como é que te digo. É uma coisa que a gente guarda, lembra bem, é um dia muito especial na vida mesmo. Meu marido morria de ciúmes de mim, mas eu falava pra ele que eu só tinha "olhos pra você". Eu casei só uma vez na minha vida. Essa foto aqui foi no Dia das Mães. Aqui tem a foto da formatura da menina que morou comigo quando eu tinha o pensionato. Ela é minha amiga, hoje ela é enfermeira, tinha uma de Guanambi que eu não coloquei a foto dela. Essa foto aqui é da formatura de Gui, ele já é doutor, ele já é médico, ele tem duas formaturas. Ele é biomédico e farmacêutico. Ele passou em duas faculdades, aí ele fez uma e depois fez a outra. (JASMIM, 80 anos).

Para essa idosa, esses materiais imagéticos apresentados são como um convite à narração e à visita da história de sua família, pois como afirmam Costa e Choma (2008), a fotografia é uma ferramenta de suporte para as memórias. De acordo com Ferreira (2013), os vestígios memoriais, seja através de objetos, seja através de fotografias, são importantes porque funcionam como armas contra a desconfiguração social dos velhos, ou seja, a fotografia para a idosa entrevistada é uma tentativa de preservar a suas memórias e manter viva a sua história.

Nota-se que ao falar de si por meio das relações com os familiares, os idosos evidenciam a construção de suas identidades em tais relações, se posicionando como filho(a), mãe, pai, avô(ó). Assim, é possível afirmar que a memória familiar exerceu uma importância fundamental na recordação dos idosos, gerando um sentimento de pertencimento ao grupo, corroborando Barros (1989) por mostrar que o grupo familiar, por ser objeto e espaço para as recordações, é construtor de identidade (BARROS, 1989), pois é no ambiente familiar e nos seus laços constituídos que o ser humano desenvolve-se, descobre o mundo e a si mesmo, aprende e expressa sua individualidade, constrói sua identidade, através da capacidade de registro, elaboração e compartilhamento do vivido, o que é possibilitado a partir das funções desempenhadas pelas memórias (SOUZA, 2014).

## 5 Considerações finais

Neste estudo, foi possível perceber que os idosos longevos, com olhos de quem já percorreu um longo caminho, voltaram-se para o passado, reconstruindo suas histórias, experiências e vivências, sobretudo a partir das relações familiares. Dessa maneira, a memória familiar foi intensa e ocupou um lugar importante nas recordações dos idosos longevos, pois essas memórias desenharam suas vidas e tornaram-se retratos de suas histórias.

Assim, a partir das memórias dos idosos longevos, percebeu-se como as identidades de cada idoso longevo foi sendo construída e se metamorfoseando no processo do envelhecimento, sendo a memória familiar imprescindível para a reconstrução do passado e construção de suas identidades. Portanto, as memórias desses idosos revelaram-se como um instrumento metodológico para compreender a construção de suas identidades, demonstrando que são indivíduos com identidades sociais diferenciadas, reconstruídas pela memória e cuja trajetória de vida no passado é parte integrante da identidade no presente.

Espera-se que as conclusões deste estudo sobre as memórias dos idosos e de suas respectivas identidades sejam consideradas, juntamente com os já conhecidos fatores biológicos, na implantação de políticas públicas, na humanização da assistência e nas ações de promoção e cuidados nas diversas áreas profissionais, baseados especialmente no respeito às suas histórias de vida, suas experiências, sua sabedoria e, sobretudo, no seu protagonismo.

### REBUILDING THE PAST: MEMORIES AND IDENTITIES OF THE OLDEST OLD

#### abstract

This study aimed to analyze the memories and understand the identities of the oldest old. This is an exploratory-descriptive qualitative research, with the use of the oral history technique. Data analysis was performed from the content analysis and the use of NVivo software (versão10) for organizing and creating the word cloud. From the memories of the oldest old, was perceived as the identities of each oldest old was being built and metamorphosing in the aging process, and the essential family memory to replenish the past and building their identities.

#### keywords

Memory. Identity. Aging.

## referências

- ARGIMON, Irani Iracema de Lima et al. Velhice e Identidade: Significações de Mulheres Idosas. *Kairós Gerontologia*, São Paulo, v. 14, n. 4, p. 79-99, set. 2011.
- BARDIN, Laurence. (1995). *Análise de conteúdo*. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BARROS, Myriam Moraes Lins de. Memória e Família. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 29-42, 1989.
- \_\_\_\_\_. Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Velhice ou terceira idade?: estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. 4. ed. 3. reimpressão. Rio de Janeiro: FGV, 2013. p. 113-168.
- BOBBIO, Norberto. *O tempo da memória: De Senectute e outros escritos autobiográficos*. 6. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- BRANDÃO, Vera Maria Antonieta Tordini; MERCADANTE, Elizabeth Frohlich. *Envelhecimento ou longevidade?*. São Paulo: Paulus, 2009. (Coleção Questões Fundamentais do Ser Humano).
- BRASIL. Resolução CNS Nº 466, de 12 de dezembro de 2012. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 13 jun. 2013.
- CAMPEDELLI, Mônica Anechini. *A identidade do velho no mundo contemporâneo*. 2009. 237 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.
- CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2012.
- CARADEC, Vincent. Da terceira idade à idade avançada: a conquista da velhice. In: GOLDENBERG, Mirian (Org.). *Velho é lindo!*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. p. 11-38.
- CAVALCANTI, Raíssa. *O casamento do Sol com a Lua: uma visão simbólica do masculino e do feminino*. São Paulo: Cultrix, 1993.
- CIAMPA, Antonio da Costa. Identidade. In: LANE, Sílvia Tatiana Maurer; CODO, Wanderley (Org.). *Psicologia social: o homem em movimento*. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006. p. 58-75.
- \_\_\_\_\_. *A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de psicologia social*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2011.
- CONCEIÇÃO, Luiz Fabiano Soriano da. Saúde do idoso: orientações ao cuidador do idoso acamado. *Revista Médica de Minas Gerais*, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 81-91, 2010. Disponível em: <<http://www.rmmg.org/exportar-pdf/386/v20n1a11.pdf>>. Acesso em: 6. jun. 2015.
- COSTA, Tati Lourenço; CHOMA, Daniel. Caleidoscópios narrativos: lembranças de homens e mulheres. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 8., 2008, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: UFSC, 2008. p. 1-7. Disponível em: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST72/Costa-Choma\\_72.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST72/Costa-Choma_72.pdf)>. Acesso em: 25 jun. 2015.
- CUNHA, Tânia Rocha Andrade; ALVES, Ana Elizabeth Santos. Educação e violência nas relações de gênero: reflexos na família, no casamento e na mulher. *Em Aberto*, Brasília, v. 27, n. 92, p. 69-88, jul./dez. 2014.
- DEL PRIORE, Mary. (2005). *História do Amor no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- FAORO, Raymundo. *Os donos do poder*. Porto Alegre: Globo, 1958.

FERREIRA, Maria Leticia Mazzucchi. Memória e velhice: do lugar da lembrança. In: BARROS, Myriam Moraes Lins de (Org.). *Velhice ou terceira idade?: estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. 4. ed. 3. reimpressão. Rio de Janeiro: FGV, 2013. p. 207-222.

HALBWACHS, Maurice. (2004). *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Dados do censo de 2010*. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>>. Acesso em: 3 mar. 2015.

IZQUIERDO, Ivan. *Questões sobre memória*. São Leopoldo: UNISINOS, 2004.

MACÊDO, Maria Dalva de Lima. *Resistência cultural de estudantes negros da roça, nas escolas públicas de Santa Bárbara – BA*. 2011. 129 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador. 2011.

MATOS, Patrícia Ribeiro Mendes Alves de. Ser-se mais do que *velho*: tempo, memória e velhice no contexto de um Lar. In: CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 8., 2004, Coimbra. *Anais...* Coimbra: CES, 2004. p. 1-22. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel64/PATriciaMatos.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2015.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. (2000). *Manual de história oral*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MELCA, Fátima Maria Azeredo. *Ser uma avó cuidadora: um estudo de casos*. 2013. 186 f. Tese (Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JUNIOR, Carlos Everaldo Alvares. *Antropologia, saúde e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002. Disponível em: <<http://static.scielo.org/scielobooks/d2frp/pdf/minayo-9788575413043.pdf>>. Acesso em: 5 jan. 2017.

MOURA, Giselle Alves de; SOUZA, Luciana Karine de. Autoimagem, socialização, tempo livre e lazer: quatro desafios à velhice. *Textos & Contextos*, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 172-183, jan./jul. 2012.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Tradução de Dora Rocha Flaksman. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <[http://www.uel.br/cch/cdph/arqxt/Memoria\\_esquecimento\\_silencio.pdf](http://www.uel.br/cch/cdph/arqxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf)>. Acesso em: 12 fev. 2015.

\_\_\_\_\_. Memória e identidade social. Transcrição e tradução de Monique Augras. Edição de Dora Rocha. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

QSR INTERNATIONAL. NVivo 10 for Windows. *Introdução*. 2014. p. 1-44. Disponível em: <<http://download.qsrinternational.com/Document/NVivo10/NVivo10-Getting-Started-Guide-Portuguese.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2015.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SALGADO, Carmen Delia Sánchez. Mulher idosa: a feminização da velhice. Tradução de Sérgio Antonio Carlos. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, Porto Alegre, v. 4, p. 7-19, 2002.

SANTOS, Divina Fátima et al. A arte de morar só e ser feliz na velhice. *Kairós Gerontologia*, São Paulo, v. 8, n. esp., p. 109-123, nov. 2010.

SANTOS, Divina de Fátima dos; MOREIRA, Maria Arlene de Almeida, CERVENY, Ceneide. Velhice – considerações sobre o envelhecimento: imagens no espelho. *Nova Perspectiva Sistêmica*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 48, p. 80-94, abr. 2014.

SILVA, Gabriela Carmisin Duarte da. *A compreensão do conceito de qualidade de vida para o idoso em situação asilar*. 2010. 65 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2010.

SOUZA, Sandra Regina Pelisser. Laços familiares e memória nos idosos. *Portal de Divulgação*, n. 4, ano 4, p. 67-72, mar./abr./maio 2014. Disponível em: <<http://www.portal-doenvelhecimento.com/revista-nova/index.php/revistaportal/article/viewFile/446/446>>. Acesso em: 12 out. 2015.

STRECK, Carla Fabiana; FRISON, Thirzá Baptista. Lembranças de velhos: o mundo do trabalho na infância. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, Porto Alegre, v. 1, p. 105-121, 1999.

VASCONCELOS, Albertina Lima; SOUZA FILHO, Argemiro Ribeiro de. Bananal: trabalho e vivência em uma comunidade de negros. *Politeia: História e Sociedade*, Vitória da Conquista, v. 1, n. 1, p. 247-268, 2001. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/politeia/article/viewFile/148/159>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

Recebido: 02/04/2016  
Aceite Final: 09/02/2017

